

# **Universidade de São Paulo**

**Instituto de Relações Internacionais**

**Persistência e Mudança Social  
(FSL0115)**



***O Suicídio*, de Émile Durkheim: suicídio anônimo  
e sua relação com a modernidade.**

**Andressa Carnevalli**

**Nº USP 9843661**

## Resenha

O capítulo introdutório da obra de Durkheim, *O Suicídio*, parte premissa de que à noção de suicídio, e à palavra em si, falta uma definição adequada, uma tipologia que permita definir o que é suicídio e o que o difere de outros tipos de morte. Para o autor, a sociologia, como qualquer outra ciência, deve definir seu objeto de estudo devidamente para que se possa examiná-lo com acuidade. Desta forma, Durkheim decide partir de ordenamentos de fatos com as mesmas naturezas distintivas que levem a uma forma mais aproximada, teoricamente, do que o suicídio é. Ao discorrer sobre este ordenamento dos fatos, ele exclui a motivação, ou a natureza e dimensão psicológica, do ato de matar a si mesmo, bem como a finalidade do ato, que, segundo ele, são pautadas em percepções nebulosas que não auxiliam na investigação do fato e, mais do que isso, não são objetos da sociologia.

Desta forma, parte-se para um dos conceitos de Durkheim, que o suicídio é um fato social, e como tal, deve ser tratado como coisa. O fato social possui características próprias, as quais Vares discorre a partir da obra de Durkheim *Regras do Método Sociológico*:

“[...] o sociólogo destaca os seus traços fundamentais, quais sejam, exterioridade, coercitividade e generalidade. O primeiro nos situa em um “fora” indeterminado; o segundo refere-se à interiorização do fato social, isto é, à sua conversão em um poder interno, que se impõe à subjetividade humana; o terceiro, por seu turno, diz respeito tanto à pluralidade de sujeitos que surge através do processo de socialização, quanto, novamente, ao caráter autônomo do fato social, porém, desta vez como existência independente do reino ideal das normas que presidem e tornam possível a existência da vida coletiva.” (VARES, 2016, p. 106)

De certa forma, Durkheim anula a dimensão subjetiva do indivíduo em relação ao suicídio, por embasar o seu tratamento como fato social. Sendo o suicídio exterior, coercitivo e generalista em relação ao indivíduo, o fator social, neste caso, a sociedade, é preponderante ao fato do suicídio. Ou seja, o suicídio faz

parte de um contexto coletivo, que transcende à esfera individual, como ele coloca:

“De fato, se, em vez de enxerga-los apenas como acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e cada um exigindo um exame à parte, consideramos o conjunto dos suicídios cometidos numa determinada sociedade durante uma determinada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, uma coleção, mas que constitui por si mesmo um fato novo e sui generis, que tem sua unidade e individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social.” (DURKHEIM, 2000, p. 17)

Seguindo este ordenamento de ideias, Durkheim chega a uma definição última de suicídio em que a iniciativa e consciência do indivíduo para com o ato têm importância, ainda que sua dimensão psicológica (a razão e motivação por detrás da morte voluntária e causada por si mesmo) seja, no mínimo, suprimida, pois na perspectiva de Durkheim causas extra-sociais são nulas ou muito restritas. O autor então propõe que: “Chama-se de suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produziria esse resultado.” (DURKHEIM, 2000, p. 14). A partir disso, percebe-se que cada sociedade apresenta uma predisposição diferente para o suicídio e a taxa destes em relação às outras mortes varia de acordo com a mudança social, ainda que apresente um grau de constância, segundo a análise quantitativa feita pelo sociólogo.

Durkheim chega, então, à definição geral de suicídio, porém há ainda subtipos de suicídio. O sociólogo postula três tipos de suicídio: suicídio egoísta, altruísta e anômico. Pela própria denominação, faz-se a associação do suicídio anômico com outro conceito durkheimiano, o estado de anomia. O estado de anomia se faz presente quando há falta de coesão na sociedade, quando órgãos solidários se tornam porosos e há fragmentação moral da coletividade. O autor coloca que crises e perturbações na ordem coletiva tem relação direta com a taxa de suicídio, no sentido de aumentá-la. Esta colocação baseia-se no fato de que estas perturbações têm caráter de mudança e modificam o conjunto social, o que cria a anomia dentro da sociedade: “Todas as vezes que se

produzem graves rearranjos no corpo social, sejam eles devidos a um súbito movimento de crescimento ou a um cataclismo inesperado, o homem se mata mais facilmente.” (DURKHEIM, 2000, p. 311)

A modernidade traz consigo todas as perturbações capazes de gerar esse estado social, por ser uma ruptura com a ordem anterior. A essência da modernidade é a excelência do individual, da máquina e da indústria e do conhecimento técnico-científico, invertendo a exaltação do coletivo em detrimento do particular. Além disso, as grandes cidades e o seu paradigma social de grandes aglomerações mudam as relações. Harvey, ao discorrer sobre o livro *Soft City* de Raban, ressalta a condição das pessoas na grande cidade moderna, que é colocada como um labirinto: “Demasiadas pessoas perdiam o rumo no labirinto, era fácil demais nos perder uns dos outros e de nós mesmos.” (HARVEY, 1992, p. 17). Desta forma, o suicídio anônimo é o tipo mais compatível com contexto moderno, por ser derivado da falta de coesão e pertencimento relativo a uma sociedade. Harvey ainda coloca:

“[...] nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”.” (Berman, 1982, apud Harvey, 1992, p. 21)

Durkheim coloca que um desejo insaciável característico da sociedade tende a gerar desencantamento, pois é uma busca vazia e inalcançável. Estes desejos foram agravados pela cultura moderna, pelo desenvolvimento da indústria e de uma técnica que promete transcender às necessidades e supri-las. O pensamento moderno, em si, apresenta a característica de ruptura com ordenamentos, estes que deveriam servir de contenção das paixões segundo Durkheim: “O estado de desregramento ou anomia, portanto, ainda é reforçado pelo fato de as paixões estarem menos disciplinadas no próprio momento em que teriam necessidade de uma disciplina mais vigorosa”. (DURKHEIM, 2000, p. 322).

Desta forma, a fragmentação da sociedade moderna se relaciona de maneira bastante próxima com o fato social do suicídio, o que é observado por Durkheim: “A anomia é portanto, em nossas sociedades modernas, um fator regular e específico de suicídios; é uma das fontes que se alimenta o contingente anual.” (DURKHEIM, 2000, p. 328). Da indústria à arte, pelo desenvolvimento racional e técnico, a modernidade perturba tudo que faz parte do contexto social em que ela está inserida.



### Bibliografia

DURKHEIM, Emilé . **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.9-24, p. 303-329.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Brasil: Edições Loyola, 1992. p. 1-20.

VARES, S. F. **Os fatos e as coisas: Émile Durkheim e a controversa noção de fato social**. Ponto-e-Vírgula (PUCSP), v. 2, p. 104-121, 2016.